

## PELOS OLHOS DELAS: A INTERPRETAÇÃO DA PAISAGEM POR MULHERES VIVENDO PROCESSOS DE SAÚDE-DOENÇA

## À TRAVERS LEURS YEUX : L'INTERPRÉTATION DU PAYSAGE PAR DES FEMMES VIVANT DES PROCESSUS DE SANTÉ-MALADIE

## THROUGH THEIR EYES: THE INTERPRETATION OF THE LANDSCAPE BY WOMEN EXPERIENCING HEALTH-DISEASE PROCESSES

Mateus Fachin Pedroso<sup>1</sup>

*mateus\_fachin@hotmail.com*

**RESUMO:** O presente texto objetivou refletir sobre a interpretação da paisagem através da visão de mulheres vivendo processos de saúde-doença, especificamente com HIV/AIDS, considerando suas interseccionalidades, experiências e práticas espaciais na cidade sob a ótica das Geografias Feministas e de Gênero. Sob estas premissas, foi realizada uma atividade com as mulheres do grupo “*Plug and Play*” da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA) de forma conjunta, na qual foram estimuladas questões que trabalhassem a percepção da paisagem destas mulheres em seu cotidiano, com a intenção de destacar as principais relações que estas estabelecem entre a memória e as práticas no espaço. O proceder desta atividade foi coordenado visando a construção das representações, bem como o fomento dos debates direcionados por meio de perguntas que compunham um roteiro semiestruturado. Neste sentido, foi possível através de diferentes exemplos evidenciar as categoriais centrais na vida dessas mulheres, como o trabalho, esferas de convívio e relações, seus percursos diários e suas memórias, sendo estas interpretadas através da elaboração das múltiplas paisagens construídas.

**Palavras-chave:** paisagem, geografias feministas, gênero, HIV/AIDS, Presidente Prudente, SP (Brasil).

**RÉSUMÉ:** Ce texte visait à réfléchir sur l'interprétation du paysage à travers la vision des femmes vivant des processus de santé-maladie, notamment le VIH / SIDA en considérant leurs intersectionnalités, leurs expériences et leurs pratiques spatiales dans la ville du point de vue des géographies féministes et de genre. Dans ces locaux, une activité a été réalisée avec les femmes du groupe «*Plug and Play*» de l'Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA), de manière conjointe, dans laquelle ont été stimulées des questions qui travailleraient sur la perception du paysage de ces femmes dans leur vie quotidienne, avec l'intention de mettre en évidence les principales relations qu'elles établissent entre la mémoire et les pratiques dans l'espace. La procédure de cette activité a été coordonnée en vue de la construction de représentations, que de la fomentation des débats dirigés au moyen de questions qui composaient un scénario semi-structuré. En ce sens, il a été possible, à travers différents exemples, de mettre en évidence les catégories centrales dans la vie de ces femmes, telles que le travail, les sphères et les relations sociales, leurs parcours quotidiens et leurs souvenirs, ont été interprétés à travers l'élaboration des multiples paysages construits.

**Mots-clés:** paysage, géographies féministes, genre, VIH / SIDA, Presidente Prudente, SP (Brésil).

**ABSTRACT:** The present text aimed to reflect on the interpretation of the landscape through the vision of women living health-illness processes, specifically with HIV/AIDS, considering their

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de Presidente Prudente-SP.

intersectionalities, experiences and spatial practices in the city from the perspective of Feminist and Gender Geographies. Under these premises, an activity was carried out with women from the "Plug and Play" group of the Prudentine Association for the Prevention of AIDS (APPA) in a joint manner, in which questions were stimulated to work on the perception of the landscape of these women in their daily lives, with the intention of highlighting the main relationships they establish between memory and practices in space. This activity was coordinated in order to build the representations, as well as to encourage the debates that were directed by means of questions that comprised a semi-structured script. In this sense, it was possible through different examples to highlight the central categories in the lives of these women, such as work, spheres of conviviality and relationships, their daily journeys, and their memories, which were interpreted through the elaboration of multiple constructed landscapes.

**Keywords:** landscape; feminist geographies; gender; HIV / AIDS, Presidente Prudente, SP (Brazil).

## INTRODUÇÃO

Como uma importante ação do estudo, cabe explicar sobre a temática que centraliza a discussão que se faz presente; o HIV/AIDS e as relações de Geografia, Saúde, Cultura e Gênero. Neste sentido, se faz imprescindível apresentar os acontecimentos introdutórios acerca do HIV/AIDS sob uma perspectiva histórica, que aborde a descoberta, percursos e escalas de difusão da epidemia para que sejam elucidadas suas complexidades na relação espaço-tempo.

No Brasil, foram diagnosticados os primeiros casos de HIV/AIDS em 1982 na cidade de São Paulo, e posteriormente na cidade do Rio de Janeiro, um grande marco que trouxe tensionamentos a organização dos serviços de saúde que se encontrava em construção. Estes casos iniciais, registrados nas grandes metrópoles do país, geraram alarde à população, dado sua rápida difusão e acometimento dos indivíduos (PARKER, GALVÃO, 1996).

A pujante disseminação do vírus se realizou por diferentes vias, de modo que o HIV/AIDS passou a atingir distintas camadas da população. Foi através do sexo desprotegido e do uso de drogas injetáveis que os casos femininos ganharam destaque no cenário brasileiro. O crescimento acelerado dos casos em mulheres são resultado das transformações ocorridas nas décadas iniciais, sendo perceptíveis as gradativas mudanças em relação à razão entre os sexos acometidos pela AIDS. Este movimento, paulatinamente, desencadeou o processo de heterossexualização que atingiu as mulheres de forma efetiva, ocasionando assim a feminização do HIV/AIDS (BASTOS, 2006).

Deste modo, tal fenômeno cabe perfeitamente à análise geográfica, que em seu cerne busca interpretar acuradamente as complexidades e contradições sobre os problemas sociais que se fazem presente na vida das pessoas. Foi por este caminho que me dediquei a investigar

este tema no município de Presidente Prudente – SP, tendo como justificativa a complexidade expressa em relação ao HIV/AIDS, sobretudo ao que tange a camada feminina que apresenta taxas de prevalência de AIDS altas e instáveis desde seu primeiro diagnóstico em 1988, sendo esta uma condição expressiva dentro do contexto do Estado de São Paulo (WALDVOGEL, TAYRA, GUIBU, 2010).

Este pressuposto inicial criou condições basilares para que fosse possível refletir acerca da realidade experienciada pelos sujeitos, visto que a proposta aqui colocada vai além das características numéricas e estatísticas, em outras palavras, busca investigar os acontecimentos e percepções que estão calcados no real. Assim sendo, mantive a preocupação em interpretar o cotidiano - ou parte deste - das mulheres que vivem com HIV/AIDS em Presidente Prudente – SP, sob uma perspectiva ancorada nas categorias de análise da Geografia, especificamente, a paisagem sob o viés humanista. Destarte, foi por meio desta proposta que pretendi interpretá-las a partir da visão de mulheres que compõem o grupo “*Plug and Play*” da Associação Prudentina de Prevenção à AIDS<sup>2</sup> (APPA), ao ponto que considere suas interseccionalidades junto às experiências e práticas espaciais vividas na cidade, isso por acreditar na possibilidade de elaborar interpretações outras acerca das paisagens, que neste trabalho se encontram respaldadas pelas Geografias Feministas (ROSE, 1993; 1997).

## PERCURSOS METODOLÓGICOS

A condição da produção da ciência está estritamente ligada às ações de pesquisa que mantém o comprometimento com a interpretação fidedigna da realidade. Colocado estas prerrogativas, destaco que o presente manuscrito se encontra metodologicamente imerso nas Ciências Humanas, de modo que toma como campo científico central a Geografia, especificamente, a área da Geografia Humana subsidiada pelas disciplinas de Geografia da Saúde, Geografia do Gênero e as Geografias Feministas, como outrora mencionado pelos interesses de pesquisa.

Disposto isso, mantenho aqui a preocupação com as diferentes relações que os sujeitos estabelecem com o mundo, bem como as percepções que elaboram dele e de si

---

<sup>2</sup> A respeito desta associação, cabe informar que no ano de 2021 houve um processo de readequação estatutário que possibilitou a reformulação dos focos e nome da entidade. Atualmente, a instituição em questão se encontra denominada como Associação Prudentina de Incentivo à Vida (APIV), nomenclatura esta que não foi adotada para o presente texto, visto que as atividades de campo antecederam tal processo.

próprios. A partir destes preceitos, tomei como base a abordagem qualitativa de pesquisa, pois esta possibilita imergir, “interpretar e interagir com objeto estudado e a adoção de postura teórico-metodológica para decifrar os fenômenos” (PESSÔA, 2012, p. 11), vislumbrando assim a interpretação da realidade a partir das vivências e experiências das mulheres participantes, o que possibilita fazer uma Geografia orientada para os estudos de cultura e sociedade (CLAVAL, 2005).

Para isso, foi necessário aplicar esforços na realização dos trabalhos de campo, que foram fundamentais na realização de busca ativa por mulheres que centralizassem a discussão desta proposta. Os trabalhos de campos foram possíveis através da aproximação mediada com a Associação Prudentina de Prevenção à AIDS (APPA) em momentos anteriores, o que repercutiu no estabelecimento de vínculos e relações duradouras.

Desta forma, é necessário pontuar alguns aspectos sobre a aproximação com o grupo de mulheres (*Plug and Play*) que foi realizado pelo período de sete meses no ano de 2018. Todas as atividades de campo foram realizadas através de encontros semanais regidos pela Observação Participante (MAY, 2004), que permitiu não somente se aproximar, mas também produzir informações extremamente ricas sobre a realidade dessas mulheres, possibilitando a posteriori um elevado grau de refino nas subsequentes etapas metodológicas (PEDROSO; GUIMARÃES, 2019).

Por assim ser, se faz pertinente uma caracterização do grupo formado por estas mulheres, para que assim se tenha uma dimensão das intersecções reais abordadas pela pesquisa, como expressa a seguir o quadro 1.

**Quadro 1.** Perfil das mulheres participantes<sup>3</sup>

Identificação	Idade	Tempo de sorologia	Orientação sexual	Nº de filhos	Estado civil	Cor autodeclarada	Escolaridade	Religião	Renda (R\$)
Alyssa	54	22	Heterossexual	3	Viúva	Branca	E. F. incompleto	Evangélica	954.00
Bonet	39	22	Heterossexual	2	Solteira	Parda/Preta	E. M. completo	Evangélica	700.00
Del Rio † (2020)	61	18	Heterossexual	5	Viúva	Parda/Preta	E. F. incompleto	Evangélica	1.400.00
Latrice	41	8	Heterossexual	3	Solteira	Parda/Preta	E. F. incompleto	Católica	954.00
Monique	43	21	Heterossexual	3	Viúva	Parda/Preta	E. F. incompleto	Evangélica	954.00
Tammie	58	21	Heterossexual	1	Divorciada	Parda/Preta	E. F. incompleto	Evangélica	954.00

**Fonte:** pesquisa de campo (2018)

**Organização:** do autor (2019)

Foram sob estas premissas que realizei uma atividade com as mulheres do grupo “*Plug and Play*” de forma conjunta, sendo estimuladas questões que trabalhassem com a percepção da paisagem das mesmas em seus respectivos cotidianos (CERTEAU, 1998). A construção da atividade priorizou seu desenvolvimento objetivado de forma lúdica e interativa por meio da cartografia social, que nesta proposta se conecta

[...] aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade (PRADO FILHO, TETI, 2013, p. 47).

Tendo a cartografia social como referência foi possível a elaboração de ilustrações que representassem o cotidiano, uma vez que o primeiro movimento se deu através da reprodução das paisagens que marcam e/ou marcaram suas vidas. Neste sentido, estes valores construídos garantem o estabelecimento e a permanência de vínculos, para além de uma simples efemeridade, elemento este que traz significância para aquilo que está representado no mapa, ao mesmo tempo que reforça o desafio de “ver os mapas como linguagem (carto)gráfica: uma forma de comunicação que deve fazer parte do nosso pensar geográfico” (SEEMANN, 2003, p. 50), do acontecer, dos movimentos da realidade que são expressos pelos discursos dos sujeitos, perpetuados nas paisagens.

<sup>3</sup> Informo aos leitores que o grupo “*Plug and Play*” se encontrava constituído por 6 mulheres, como destacado no quadro. No entanto, no acontecer da pesquisa, uma delas (Latrice) permaneceu hospitalizada por um longo período, o que a impediu de participar deste momento específico da pesquisa. É por este motivo que as análises apresentadas neste trabalho refletem sobre a realidade de 5 mulheres que vivenciam a experiência do HIV/AIDS na cidade de Presidente Prudente.

O proceder desta atividade foi por mim coordenado enquanto agente mediador na construção das representações, bem como no fomento dos debates direcionados por meio de perguntas que compunham um roteiro semiestruturado (MANZINI, 1991). Portanto, as perguntas colocadas no momento de atividade tiveram uma proposta instigadora e reflexiva, para que assim as mulheres expressassem suas interpretações acerca das paisagens vivenciadas ao refletir sobre seus modos de existência, seus corpos e suas culturas.

Assim sendo, a atividade desempenhada foi gravada (áudio) com a autorização de todas as partícipes, sendo esta posteriormente transcrita de forma literal, para que assim fosse mantido todos os detalhes, garantindo assim a veracidade e acurácia das falas (MANZINI, 2010). Outro elemento importante produzido nas atividades de campos foram as representações cartográficas acerca das paisagens geográficas, uma vez que este material se configura como os resultados produzidos, se tornando preponderante o cerne interpretativo das análises que seguem.

## **SIGNOS, REPRESENTAÇÕES E CULTURA NAS PAISAGENS GEOGRÁFICAS: RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Quando colocado o desafio de pensar a complexidade existente entre sociedade e natureza em movimento a luz de concepções da Geografia, se faz necessário considerar as categorias de análise geográfica que proporcionam interpretações teorizadas sobre o movimento real de forma articulada. Em outras palavras, acaba sendo indispensável para a compreensão de qualquer fenômeno escolher por qual lente se quer olhar.

No presente texto, a interpretação foi realizada através do que compreendo por paisagem geográfica, já que esta “é uma maneira de ver, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo [...]” (COSGROVE, 2004, p. 98). Ao partir deste princípio, julguei ser importante que a compreensão teórica estivesse estritamente alinhada aos movimentos reais, tendo assim proximidade e coerência com as questões que serão levantadas acerca de como as paisagens podem representar a vida dos sujeitos que as produzem e as percebem. É a partir destas prerrogativas que se ancora a concepção de Duncan (2004, p. 106) que define a paisagem como um

[...] sistema cultural, pois como um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado.

Para compreender essa qualidade estruturada e estruturante da paisagem, necessitamos primeiramente perguntar o que é significado pela paisagem; chamarei isso de ‘significação’ da paisagem. Em segundo lugar, precisamos examinar a maneira como essa significação ocorre; chamarei esse ato de ‘retórica’ da paisagem.

Deste modo, me apoio nas contribuições de Duncan (2004), para trazer como proposta a possibilidade de interpretar a retórica da paisagem através das contribuições das Geografias Feministas, que elaboram distintos questionamentos sobre a construção de algumas categorias de análise na Geografia (PAULA; PEDROSO, 2020). Ao abordar como ocorre a significação desta categoria de análise é possível se deparar com questões bem simples que pluralizam suas significações, visto que se passa a indagar: quem está observando a paisagem? Que corpo as observa? E quais são as interpretações da paisagem geográfica a partir das diferentes realidades corpóreas?

Logo, entendo ser imprescindível a compreensão do que é produzido socialmente para que assim seja possível entender os fenômenos vivenciados e observados pelos sujeitos. Dessa forma, compreendo “que nasce do corpo um conjunto de significações que fundamentam sua existência em âmbito individual (enquanto ser) e coletivo (sociedade), moldado pelo contexto social e cultural no qual está inserido” (PEDROSO, GUIMARÃES, 2017, p. 41), o que implica fortemente na construção das categorias geográficas, ressaltando que

o olhar dominante particular constrói o acesso ao conhecimento da Geografia como um privilégio masculino heterossexual burguês branco. E esse olhar não é apenas o olhar para a terra, embora sua dinâmica seja mais claramente revelada lá: é também um olhar que se constitui como objeto de conhecimento, seja ambiental, social, político ou cultural (ROSE, 1993, p. 60-61, tradução própria).

Frente a estes apontamentos, tomo como base as paisagens representadas pelas mulheres, e me coloco a refletir sobre como estas são vistas, e quais são os processos de subjetivação que decorrem a partir deste movimento, já que “a paisagem é um termo central nos estudos geográficos porque se refere a um dos interesses mais duradouros da disciplina: a relação entre o ambiente natural e a sociedade humana, ou, para reformular, entre a Natureza e a Cultura” (ROSE, 1993, p. 50, tradução própria).

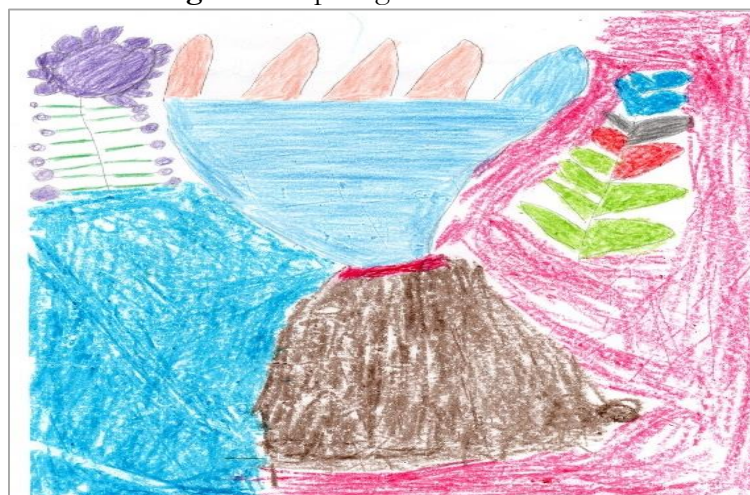
Portanto, é a partir destas prerrogativas que nascem contestações que são fundamentais, dado que problematizam as interseccionalidades que compõem os diferentes corpos (CRENSHAW, 2002), uma vez que estes passam a ser pensados como corpos construídos socialmente através da cultura que apreendem a realidade de formas distintas, e conseqüentemente as paisagens também (NABOZNY, 2011).

## PAISAGEM INTERPRETADA: DOS OLHOS AO PAPEL

A realização desta atividade possibilitou diferentes surpresas e experiências, ao ponto que refutou algumas ideias iniciais e apresentou outras outrora não pensadas, visto que, inicialmente pré-concebi que a interseccionalidade HIV/AIDS apresentaria um papel central na representação das paisagens geográficas destas mulheres, o que via de fatos não ocorreu. No entanto, a atividade expressou com profundidade a materialização das paisagens vividas por elas sob perspectivas inesperadas, evocando então outras dimensões como o gênero, por exemplo, que se apresentou de modo performático e relacional quando interpretado pelas memórias pertencentes aos diferentes momentos dos cursos de vida (HUTCHISON, 2011).

### Tammie: traços, cores e histórias

**Figura 1.** A paisagem de Tammie



**Fonte:** Trabalho de campo (Tammie, 2018)

Tammie ao participar da atividade decidiu registrar sua paisagem de forma transitiva, uma vez que elencou diferentes elementos para compor seu registro. Já de início, Tammie apresentou a complexidade acerca das interações atinentes às memórias, o que por si só exprime as múltiplas e indissociáveis dimensões dos sujeitos em diferentes espaços e tempos. Essa interpretação se demonstra evidente quando são representados de forma entrelaçada os elementos de memórias antigas e recentes, fazendo com que esta paisagem geográfica registre que tal acúmulo não é rígido.

Deste modo, Tammie representou aquilo que a marcou quando provocada pelo disparador “paisagem”, visto que “[...] essa relação entre o indivíduo e a paisagem é, portanto, mediatizada por uma rede simbólica cuja materialidade traz também o imaterial, algo visível



que mostra o invisível, um gesto que significa um valor” (COSTA, 2008, p. 151). E foi por meio dos valores percebidos que Tammie representou suas transposições memórias em forma de paisagem, trazendo a tona uma importante dimensão - o tempo -, dado que ela evocou um passado que emerge em um presente já contextualizado em outra lógica espacial.

Certamente, esta representação elaborada por Tammie expressa as diferentes forças que estiveram alinhavadas pelos traços das lembranças singulares de sua infância, bem as que se fazem presente em sua vida adulta, situadas em uma realidade temporal não tão distante. Esta complexa simbiose é expressa por Tammie quando a mesma nos explica sua concepção de paisagem:

Quando você fala paisagem eu penso em sítio, verdura e horta... Porque eu trabalhei muito no sítio, eu trabalhei... eu mexia com verdura junto com minha mãe. Aqui eu representei a minha mão pegando umas folhas de alface... Nessa horta que eu trabalhava tinha muito alface, nabo, beterraba, onde está o vermelho é a beterraba. E essas outras coisas desenhadas são os pastos, as pastagens que eu sempre vejo. (Tammie, 2018).

Neste breve relato Tammie apresenta vários elementos que não só contam sobre a representação de sua paisagem, mas também sobre parte de sua história, seus processos e relações que estabeleceu ao longo da vida. É perceptível que a primeira parte do relato aborda sobre as experiências vividas na infância, que se encontravam contextualizadas na zona rural, dado o fato da mesma destacar suas ações ligadas ao cultivo de hortaliças junto a sua mãe. Neste primeiro momento, se torna evidente o que podemos compreender como categoria trabalho, visto que esta menção aparece destacada por Tammie sob a perspectiva de gênero - pela divisão sexual do trabalho (SAFFIOTI, 1976; GARCÍA, 2002) - o que faz com que o trabalho esteja aliado a interseccionalidade gênero, e assim se torne um dos principais elementos registrados por seus traços, visto que o trabalho é reavivado em sua memória através da paisagem (re)construída.

É neste momento que se torna percebida a interação entre os diferentes espaços e tempos, que são registrados e rememorados pelas paisagens rurais e urbanas que fizeram e fazem parte da realidade experienciada por Tammie. Esta conexão é resultante da interação de diferentes signos que são produzidos pelas relações de “[...] similaridade, causalidade e contiguidade entre aqueles signos, referência da e na cidade, o contexto e as conexões produzidas pelo usuário no seu dia-a-dia, um uso leitura que incorpora e integra movimento, cor, textura, dimensão, frio ou calor, cheiro, envolvimento” (FERRARA, 1988, p. 15-16).

Acertadamente, esta conexão fez com que ela recordasse os tempos vividos na zona rural - sua infância - a partir da interação com algumas paisagens periurbanas que compõem

seus deslocamentos diários atuais. Estes elementos evocados também dizem sobre o presente, mais especificamente, sobre que parte da cidade Tammie experiencia em seu cotidiano, o que e como a percebe em seus percursos, que permitem a ela outras elaborações como destaca ao dizer:

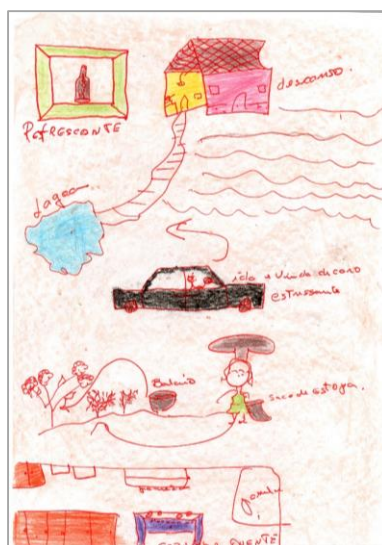
Ah, só vejo as do ônibus. Eu só vejo as do ônibus. É... do ônibus às vezes eu vejo vaca, vejo carneiros. E as paisagens sofrem mudanças... Sofrem, porque no tempo da passagem (chuva) elas (ovelhas e vacas) comem bastante e a paisagem se transforma, e quando é época da seca elas ficam tristes. (Tammie, 2018).

Estas contribuições de Tammie trazem para a arena de reflexão a pluralidade das experiências acerca daquilo que compõem seu cotidiano, uma vez que expressa seus percursos pela cidade, bem como estes se realizam. Isso evidencia a construção percebida do que é paisagem para Tammie, uma vez que os sujeitos sociais elaboram suas concepções a partir daquilo que experienciam, sintetizam e representam (DUNCAN, 2004).

Outro aspecto de extrema importância é o destaque para o movimento que por ela é presenciado, visto que a paisagem geográfica se transforma e sofre diversas mudanças ligadas as alterações climáticas que passam a influenciar o visualmente perceptível (tempo de passagem/tempo de seca), como destaca Tammie ao falar sobre as pastagens e os animais que vê em seus percursos na cidade, o que traz para ela sensações e sentimentos, sendo esta mais uma das potencialidades destacadas na paisagem representada por Tammie.

### Del Rio: percursos, passado e presente

Figura 2. A paisagem de Del Rio



Fonte: Trabalho de campo (Del Rio, 2018)

A paisagem geográfica colocada por Del Rio também traz várias provocações para que sejam pensadas algumas construções teóricas, principalmente as que tangem a retórica da categoria, já que esta passa a ser interpretada enquanto um texto que se torna passível de ser lido seja pelas suas formas ou significâncias expressas. Direcionar o olhar para a representação de Del Rio permite notar alguns elementos que caracterizam esse momento de sua vida, dado que ela representa a si própria em sua paisagem, e junto a ela - em sua representação - há um balaio, um pé de algodão e um saco de estopa; elementos estes que expressam a realidade do trabalho rural, especificamente o da colheita como reforça Del Rio:

E aqui é um pouquinho da minha mocidade, com um saco pra pegar algodão... Olha o algodão aqui, e um balaio para bater amendoim. (**Del Rio**, 2018).

Neste momento, Del Rio relatou parte de seu passado, evocado pela memória que está ligada a outros afazeres, outros espaços e conseqüentemente a outras características como as que estão presentes no meio rural, apontado enquanto trabalho exercido. De fato, estas características tomam maior significado dado o “[...] o trânsito intenso e frequente entre os domínios diferenciados [que implicam] adaptações constantes dos atores, produtores de e produzidos por escala de valores” (VELHO, 1994, p. 44), que interacionam nos diferentes momentos de vida dos sujeitos através das trajetórias de vida que se cruzam e se materializam agora no registro da paisagem.

É interessante notar que a paisagem representada por Del Rio também apresenta um ponto que conecta o passado ao presente - como no caso de Tammie e as cores utilizadas -, que se torna explicitamente marcado pela categoria trabalho. A princípio Del Rio destacou este elemento atrelado às lembranças que remetiam o contexto rural vivido em sua mocidade; no presente Del Rio apresenta sua construção de paisagem ligada ao trabalho, dado que seu relato destaca a cozinha da APPA, na qual atuou como cozinheira-chefe.

Aqui é a APPA... aqui temos a cozinha com o fogão e é muito quente. (**Del Rio**, 2018).

Neste ponto, se faz oportuna a discussão acerca das diferentes vivências espaciais que configuram as interpretações da paisagem. Neste caso em específico, cabe salientar que se trata de uma paisagem com características privadas, onde se exerce um ofício que é destinado majoritariamente ao público feminino, o que condiciona a serem consideradas as relações de espaços generificados, entendendo que “a sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem” (SAFFIOTI, 1987, p. 08). Isso permite entender que

as informações presentes na representação e no discurso de Del Rio reforçam a ideia de que as categorias interpretativas estão pautadas em um raciocínio que é corporificado, em outras palavras, está diretamente relacionado ao modo de existência das pessoas (ALVES; PEDROSO; GUIMARÃES, 2019).

Para além destes aspectos estruturais, Del Rio também trouxe outras dimensões para a sua paisagem, como por exemplo, os sentimentos que foram registrados, como a sensação de calor que a mesma presenciava na cozinha enquanto seu local de trabalho, bem como o retorno para casa caracterizado como estressante.

Aqui é a ida que é muito estressante porque é de carro. (Del Rio, 2018).

Neste âmbito, cabe mencionar que Del Rio apresentou um esforço em demonstrar não somente uma representação relacionada ao passado e ao presente, mas também as diferentes paisagens que compõem sua cotidianidade, tendo expressado seu percurso costumeiro, que em grande maioria é realizado de carro, o que para ela era algo estressante. Isso automaticamente implica na forma de conceber a categoria em suas especificidades, neste caso a paisagem urbana, uma vez que é evidenciado por meio da interação que os sujeitos pensam, desejam, desprezam, acolhem ou mesmo preferem numa troca direta com a cidade (FERRARA, 1988).

Ao tratar sobre o deslocamento e as paisagens vivenciadas, é possível notar a forte relação que Del Rio estabelece entre o trabalho e a casa, uma vez que salienta em sua paisagem que a casa é seu local de descanso:

Agora eu vou lá pra cima... Eu saindo daqui eu vou lá pra casa... E aqui dentro de casa é o descanso. (Del Rio, 2018).

Em sua fala Del Rio estabelece um raciocínio de sequência e ordem para se referir à relação trabalho-casa, bem como destaca os principais elementos, sobretudo os que são correlatos a casa, visto que Del Rio destaca em sua paisagem a presença de uma garrafa de cerveja a qual atribui a característica refrescante. O fato de a garrafa estar bem próxima a casa exprime a valoração do conforto, acolhimento e lazer que Del Rio mantém enquanto preferência. Desse modo, a significação da casa ganha outros atributos, nos quais se aderem os afetos que constroem relações de pertença, podendo a casa - representada na paisagem - ser entendida enquanto um lugar para Del Rio na vida real.

**Alyssa: projeções, desejos e sonhos**

**Figura 3.** A paisagem de Alyssa



Fonte: Trabalho de campo (Alyssa, 2018)

A representação produzida por Alyssa é extremamente interessante, uma vez que reúne diferentes elementos que constituem a paisagem; elementos estes que transitam entre a natureza e a cultura (ROSE, 1993; 1997), que “ao mesmo tempo, [...] lembram que a Geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda” (COSGROVE, 2004, p. 100). É neste sentido, que Alyssa buscou pela representação de sua paisagem, ao ponto que trabalhou elementos da infância vivida na zona rural, bem como a representação de anseios e desejos atuais. Neste ponto, fica evidente a proximidade das histórias de vida de Tammie, e Del Rio, isso pelo fato de que todas experienciaram sua infância na zona rural, o que ainda é vívido em cada uma delas, como pode ser observado no relato de Alyssa que segue:

O meu sonho é morar no sítio, na roça, na fazenda, em qualquer coisa. Eu fui criada no sítio com o meu pai, eu trabalhava na fazenda e nós fomos criados assim. E daí eu gosto, e eu vou desenhar a minha casinha, uma árvore e uns patinhos. E aqui tem o céu porque não é todo dia que a gente vê o céu porque ele está sobre a nossa cabeça. Então, o significado de sítio para mim é paz, porque a gente sem paz não é nada (Alyssa, 2018).

E é a partir da textualidade e intertextualidade (CORRÊA, ROSENDAHL, 2004), sejam elas faladas ou representadas por traços, que podemos interpretar os diversos elementos trazidos por Alyssa, que também estão atrelados à esfera cultural, ao socialmente construído, principalmente àquilo que faz parte do processo de constituição enquanto

sujeito. Na própria fala de Alyssa é possível notar a importância que a experiência vivida na zona rural tem em sua vida, visto que ela expressa seu gosto em ter contato com a natureza e os elementos que a constitui, isso pelo fato de que tais elementos representam paz, sendo estes significados pela árvore com muitos frutos, a casa, o sol sorrindo e a rede de apoio representada pelos “bonequinhos”.

É sabido que o processo de subjetivação de cada pessoa se realiza de modo único, ao ponto que estabelece lastros com os elementos que este dispõe, bem como com o entorno no qual está situado. Essa relação apresenta espontaneamente a indissociabilidade entre espaço e tempo que se apresenta em um *continuum*, que vai e volta quando veiculado pela memória (ALENCAR, 2007; MASSEY, 2008; 2009). É esse processo que permite destacar uma questão nevrálgica na elaboração de Alyssa, visto que existem motivos críveis para sua representação da paisagem rural da infância, como ela mesma explicita:

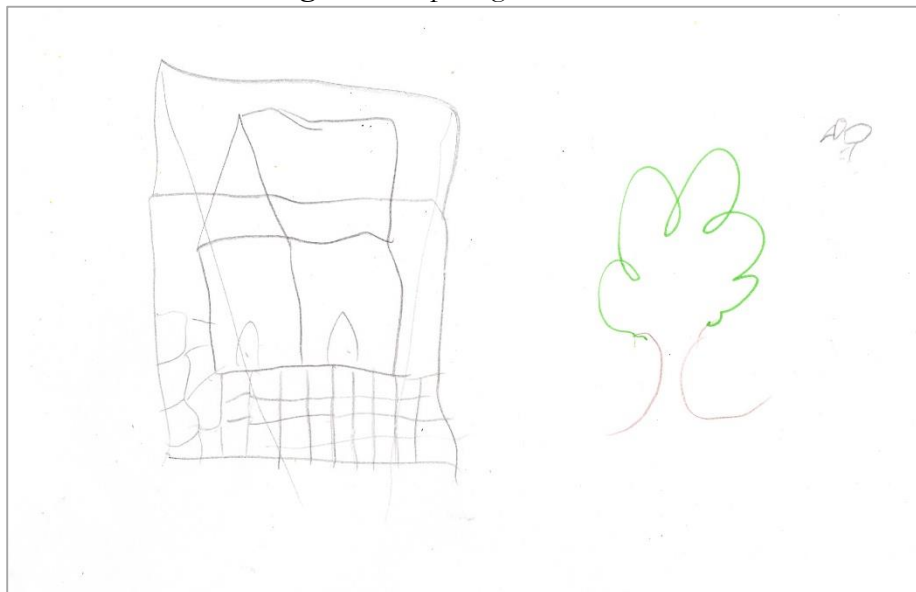
E eu acho melhor morar no sítio porque assim eu moro afastada de pessoas preconceituosas, porque a vida da gente é puro preconceito. E se você morar no sítio vai conviver com bois, galinhas, porcos, vacas, que são inofensivos que não vão te maltratar igual as pessoas que maltratam a gente. E eu acredito que o sítio é uma paz. Eu queria era ficar longe do preconceito, [...] e não é só contra o HIV, é contra gay, contra um monte de coisa. Seria mais para me livrar disso, porque o que mata a gente é o preconceito. (Alyssa, 2018).

Alyssa neste relato expressa todos seus motivos por preferir representar sua paisagem voltada à paz, a tranquilidade e ao sossego (paisagem rural). A principal causa das justificativas de Alyssa se resume ao preconceito relacionado ao HIV/AIDS (PARKER, AGGLETON, 2001), que emerge enquanto fruto de uma sociedade preenchida por tabus que cerceiam o acesso da população a informações qualificadas sobre os corpos, gêneros, sexualidades, saúde e prevenção; sobre a própria educação.

Além de expressar suas experiências, Alyssa por meio da paisagem expressa seus medos, seus traumas em relação à sociabilidade que se demonstra cada vez mais dificultosa em relação aquilo que é vivido em seu cotidiano. Esta conjuntura torna o HIV/AIDS uma interseccionalidade significativa para tal interpretação, entendido que o preconceito vivido faz com que haja uma ressignificação simbólica dos elementos espaciais que reelaboram as interpretações dos elementos constituintes da paisagem, tornando a casa no sítio, um lugar de refúgio e acolhimento, como expresso por Alyssa.

## Bonet: determinação, propostas e futuro

**Figura 4.** A paisagem de Bonet



**Fonte:** Trabalho de campo (Bonet, 2018)

Em primeira instância, vale salientar que todas as experiências produzidas e apresentadas pelas mulheres possuem laços relacionais com seus cotidianos (CERTEAU, 1998), bem como apresentam singularidades e semelhanças entre si. Neste sentido, o caso de Bonet não é diferente das demais, visto que a paisagem geográfica dela expressa a centralidade através da casa enquanto primeira importância, o que de imediato chama a atenção, dado que as demais - com a exceção de Tammie - também representaram a casa, ora com maior ou menor centralidade.

Deste modo, é possível compreender a forte conexão que Bonet apresenta com a casa, mas, mais interessante do que a conexão com a casa expressa na paisagem é a forma com a qual Bonet a representou, melhor dizendo, a intenção empregada nos traços e na ausência proposital de cores que evidenciam a construção da paisagem que dia a dia sofre pequenas modificações, como relata Bonet:

Paisagem... o que vem na minha mente é a minha área (varanda de casa). Eu quero construir minha área, porque eu estou construindo ela do zero... por enquanto eu estou no alicerce. Então, como eu disse... Aqui é a minha casa e a minha área. Tem o alicerce aqui no chão que vai subir para cima e para frente. Esse é o meu chão calçado na frente, com umas árvores e os passarinhos. (Bonet, 2018).

O relato de Bonet explicita alguns elementos que são interessantes para a reflexão sobre a paisagem. O primeiro deles é a representação simbólica que a casa expressa junto ao seu processo de transformação, entendido que Bonet a compreende enquanto um

movimento desejado, especificamente, o de construção de partes de sua casa. Esse desejo expresso por Bonet se materializa através dos traços que projetam a casa (para frente e para cima) evidenciando que esta ainda não possui cor, pois se trata de um projeto de futuro, uma abstração, o que automaticamente expressa uma relação da paisagem com o tempo, como ela mesma relata.

A minha paisagem está em construção, está na minha ideia, na minha cabeça, e é assim que imagino (Bonet, 2018).

Ao realizar tais justificativas, Bonet coloca outra perspectiva temporal, não abordando as questões do passado, mas sim, as progressões temporais contínuas ligadas ao futuro. Esta projeção está ligada ao campo dos desejos, dos sonhos, da imaginação e criatividade que na realidade de Bonet são concatenados pelo simbólico, uma vez que “todas as paisagens são simbólicas, apesar da ligação entre o símbolo e o que ele representa (seu referente) parecer muito tênue” (COSGROVE, 2004, p. 105-106).

É neste sentido que entendo que a paisagem de Bonet além de representar suas prospecções e desejos, salienta também a sua relação de pertencimento, ou seja, a casa representada enquanto lar, como lugar, como explica Moreira e Hespanhol (2007, p. 52) ao dizer que “[...] o lar é mais amplo que o objeto - casa. Essa relação entre a percepção de lar, o objeto casa e como a casa aparece em nossa consciência (valores, bem-estar, significados) é o que se chama de princípio de intencionalidade ou a intencionalidade da consciência”, que em meu entender é muito bem representado na paisagem geográfica de Bonet.

Como já mencionando, Bonet apresenta uma relação com a paisagem-tempo diferenciada, uma vez que a projeta enquanto futuro, ao modo que esta relação expressa a presença de outros elementos presentes nas entrelinhas da paisagem e do discurso de Bonet, como a questão de ela ser mãe solo, responsável pela família e pelo lar, como ela mesma traz:

“É muito difícil ser uma mulher sozinha com seus filhos” (Bonet, 2018).

O breve relato de Bonet evidencia uma série de dificuldades latentes que se fazem presentes no cotidiano, tanto no âmbito particularizado, tanto em âmbito geral, uma vez colocado em pauta a realidade das mulheres brasileiras pertencentes à classe trabalhadora. As condições expressas por Bonet se mantêm atreladas ao “[...] contexto de uma sociedade particular, significa uma afinidade especial ou sistema familiar e, ademais, também significam diferenciações sociais internas” (DUNCAN, 2004, p.102) que estão ligadas ao plano estrutural de nossa sociedade, o que implica sobre a forma de conceber e interpretar a própria realidade.



Este trecho relatado por Bonet salienta a relação que se organiza entre as interseccionalidades de gênero e classe - sendo esta última expressa pela relação de trabalho -, o que pode ser compreendido a partir da realidade de Bonet pela grande dificuldade em alcançar seus objetivos, especificamente dizendo, o intento de transformação de sua paisagem (casa/lar). Essa contribuição trazida por Bonet reforça a potencialidade dos símbolos, linguagens e discursos que se organizam na vida dos sujeitos, que assim possibilitam entender a paisagem geográfica enquanto um caminho aberto a outros horizontes.

### **Monique: sensações, alternativa e lembrança**

**Figura 5.** A paisagem de Monique



**Fonte:** Trabalho de campo (Monique, 2018)

Monique desempenha um interessante e curioso registro ao retratar sua paisagem, visto que a representa com muitas cores, o que automaticamente chama a atenção em primeira instância, isso por transmitir a sensação de alegria. Essa representação trazida por Monique está diretamente relacionada à dimensão perceptual, ou seja, daquilo que se relaciona com os sentidos das pessoas fazendo com que “o aparelho cognitivo [tenha] importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva... pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato” (SANTOS, 1988, p. 62).

É sob esta perspectiva que cabe destacar a presença dos diferentes elementos representados por Monique, como a casa, a terra, o lago, a árvore e o céu, todos

contextualizados em uma paisagem que expressa uma realidade rural, como outrora visto em registros anteriores. Esse conjunto de elementos expressos por Monique evidenciam sentidos, já que a paisagem é um dos fatores que coadunam a organização sistêmica da cultura que parte do ordenamento de objetos, materiais e imateriais, conectados por diferentes relações de signo que são transmitidas/comunicados socialmente (DUNCAN, 2004).

Em caráter elucidativo, cabe mencionar que a paisagem representada por Monique se refere a um lugar que ela visitou já na vida adulta, o que coloca a memória em uma posição temporalmente menos distante quando comparada as demais experiências, como a própria relata:

Aqui eu desenhei um sítio com uma casinha, que mostra um riozinho com os peixinhos e as árvores com frutas. Esse é um sítio que eu visitei, faz muito tempo, foi onde minha cunhada morou. E era desse jeito, com um pé de fruta e o riozinho pra gente pescar (Monique, 2018).

Com o relato de Monique surge outra interessante dimensão, a dos afetos, entendido que Monique expressa conforto e bons sentimentos em relação ao que vivera, sendo este o propósito que a motivou representar esta paisagem enquanto uma experiência marcante em sua vida. Para Monique a paisagem representada aborda o encontro, a vivência em família, a experiência de lazer e descontração, que está ligada a uma permanência efêmera que transmite sensações correlatas ao momento de vida de cada sujeito, como ela destaca neste outro trecho de fala:

Para mim o que transmite a paisagem que eu estou desenhando... transmite paz, sossego, porque você pode ver que não tem carros nem poluição. Eu acho assim, que para convivência eu prefiro mais o sítio do que a cidade (Monique, 2018).

Nesta argumentação Monique destaca o paralelo entre cidade-campo ou campo-cidade - também refletido por outras participantes - por meio das significações que cada realidade oferece a ela, destacando a paz e o sossego experienciados na paisagem que representou em contrapartida com o agito, fluxo de carros e a poluição que vivência na cidade.

Estes exemplos trazidos por Monique - e pelas demais mulheres - são atinentes aos contextos vividos, ao cotidiano que se estende e se reinventa durante os cursos de vida, fazendo com que tais realidades sejam experienciadas em proximidade pelos encontros interseccionais que são comuns a elas, mesmo estando em um passado reavivado pela memória. Esta relação faz com que a paisagem geográfica seja o modo representacional de acessar essa dimensão, que sob diferentes formas e em distintos momentos evocam as trajetórias de vida dos sujeitos que se encontram em algum momento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta proposta emergiu através de diferentes fontes e esferas, o que permitiu apresentar resultados interessantes que instigam o aprofundamento, já que despertam através das interações interseccionais a relação dos elementos presentes nas paisagens, como por exemplo, os corpos - ainda pouco problematizados nas ciências geográficas - que observam, registram e representam as paisagens. Esta provocação demonstrou que esta categoria é uma potente forma de interpretar a vida dos sujeitos sociais, visto que é possível entender parte do que somos por aquilo que representamos do mundo.

A partir dos resultados apresentados, ficou evidente que as paisagens geográficas cartografadas pelas mulheres expressam as realidades experienciadas em seus cotidianos nos mais diversos tempos e espaços, que por sua vez permitem elaborar interpretações acerca dos modos de existência e das percepções corporificadas que as constituem enquanto sujeitos/agentes. Assim sendo, foi por meio desta conjuntura que emergiram as semelhanças entre as diferentes realidades, o que fez aflorar questões provocativas que partem da potencialidade da representação das paisagens enquanto instrumento elucidativo do vivido.

Posto isso, é entendido que a presente reflexão foi realmente desafiadora, visto que interpretou empírica e conceitualmente a paisagem representada pelas mulheres que vivem que experienciam uma intensa motilidade interseccional (gênero, classe, educação, saúde-doença, etc.), sendo fundamental para esta proposta a leitura advinda das Geografias Feministas e de Gênero que sempre ponderam a quem se produz, como se produz, e para que se produz os conceitos e categorias de análise geográfica. Esse arcabouço teórico-metodológico mantém viva a reflexão sobre quais são as realidades que querem ou devem ser interpretadas.

As tensões trazidas pelas Geografias Feministas e de Gênero neste trabalho ficaram evidenciadas por alguns aspectos, como por exemplo, a presença da casa nas paisagens destas mulheres (presente em Del Rio, Alyssa, Bonet e Monique), fato este que torna minimamente curioso levantar indagações como: quais são os sujeitos que experienciam cotidianamente a paisagem da casa? A representação das paisagens possui relações com a vivência público/privada dos espaços pelas mulheres? Como as mulheres percebem e cartografam esta realidade?

Questões como as supracitadas foram desenvolvidas ao longo do texto, o que permitiu evidenciar - através dos diferentes exemplos - as categoriais centrais na vida dessas mulheres, como o trabalho, esferas de convívio e relações, seus percursos diários e suas memórias, que foram interpretadas por meio da representação das múltiplas paisagens construídas.

Como destaque final, saliento que este texto não ambicionou esgotar o assunto, pelo contrário, dado que o tom empenhado é o de provocação e proposição, que se encontra tangenciado em uma imaginação geográfica necessária, que visa contemplar os fenômenos presentes na sociedade que está em constante movimento, e mais do que isso, é propor que a resposta parta da própria sociedade, dos sujeitos sociais que lidam diretamente com os problemas reais, que são marcados e vividos nas mais diferentes paisagens.

### AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio e fomento da pesquisa no período de 2018 a 2020 (processo 18/05706-2), e também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), responsável pelo financiamento atual da pesquisa.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. F. Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. **Teoria & Pesquisa**. v. XVI – n. 2, jul/dez. p. 95-110, 2007.

ALVES, N. C; PEDROSO, M. F; GUIMARÃES, R. B. Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 09-24, 2019.

BASTOS, F. I. **AIDS na terceira década**. 20 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. 104 p.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998, 350 p.

CLAVAL, P. **Geografia cultural: um balanço**. Rev. Geografia (Londrina), v. 20, n. 3, p. 05-24, 2011.

CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. Paisagens, textos e identidade: uma apresentação. In: \_\_\_\_\_. **Paisagens, textos e identidade** (org.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 07-11.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. **Paisagem, tempo e cultura**. 2º ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 92-123.

- COSTA, O. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Rev. Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, Edição comemorativa, p. 149-156, 2008.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, n. 10, v. 1, p. 171-188, 2002.
- DUNCAN, J. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 91-132.
- FERRARA, L. A. **Ver a cidade: cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.
- GARCÍA, M. F. O gênero como perspectiva de análise na discussão sobre localizações. **Rev. Pegada**, v. 3, n. 1, p. 1-22, 2002.
- HUTCHISON, E. D. A life course perspective. In:\_\_\_\_\_. **Dimensions of human behavior: The changing life course**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2011, p. 1-38.
- MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Rev. Didática**, São Paulo, v. 26, n. 27, p. 149-158, 1991.
- MANZINI, E. J. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. In: MARQUEZINI, M. C.; MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M (Org.). **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas. Amostragens e técnicas de pesquisa. Elaboração, análise e interpretação de dados**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MASSEY, D. Concepts of Space and Power in Theory and in Political Practice. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**. v. 55, p. 15-26, 2009.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. MACIEL, H. P; HAESBAERT, R. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, 312 p.
- MAY, T. Observação participante: perspectivas e prática. In:\_\_\_\_\_. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3º ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 173-203.
- MOREIRA; E. V; HESPANHOL, R. A. M. O lugar como construção social. **Rev. Formação**, v. 2, n. 14, p. 48-60, 2007.
- NABOZNY, A. Da paisagem como olhar geográfico à paisagem como os olhares dos outros. **Rev. Geografia Ensino e Pesquisa**, v. 15, n. 1, p. 29-42, 2011.
- PARKER, R. GALVÃO J. **Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil**. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996, 206 p.
- PARKER, R.; AGGLETON, P. **Estigma, discriminação e AIDS**. Rio de Janeiro: Coleção ABIA – Cidadania e direitos, 2001, 45 p.
- PAULA, L. A. C; PEDROSO, M. F. Gênero em espacialidades geográficas: trajetórias e coetaneidade. **Rev. Geografia em Atos (Geo Atos online)** – Dossiê “Gênero e sexualidade nas tramas geográficas: espaço e interseccionalidade” - v. 1, n. 16, p. 5-19, 2020.
- PEDROSO, M. F; GUIMARAES, R. B. É preciso recuar para avançar: passos metodológicos do estudo geográfico sobre mulheres soropositivas HIV/AIDS. In: RIBEIRO, E. A. W; PEREIRA, M. P. B; FRIESTINO, J. K. O. (Org.). **Práticas complementares: alternativas em saúde**. 1 ed. Blumenau - SC: Editora Instituto Federal Catarinense, 2019, v. 01, p. 29-38.

- PEDROSO, M. F; GUIMARÃES, R. B. Marcas do HIV/AIDS em Corpos Jovens: Rupturas e Ressignificações no Espaço Urbano. **Rev. Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 23-50, 2017.
- PESSÔA, V. L. S. Geografia e pesquisa qualitativa: um olha sobre o processo investigativo. Rio de Janeiro: **Rev. Geo UERJ**, v. 1, n. 23, p. 4-18, 2012.
- PRADO FILHO, K; TETI, M. M. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Rev. Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.38, p. 45-59, 2013.
- ROSE, G. **Feminism & Geography**. The limits of Geographical Knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993.
- ROSE, Gillian. Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics. **Progress in Human Geography**, n.3, p. 307-320, 1997.
- SAFFIOTI, H. I. B. **A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976, 384 p.
- SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987, 120 p.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Editora Hucitec; 1988.
- SEEMANN, J. Mapas, mapeamentos e a cartografia da realidade. **Rev. GEOGRAFARES**, n. 04, p. 49-60, 2003.
- VELHO, G. Trajetória individual e campo de possibilidades. In:\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 3º ed., 1994. p. 31-48.
- WALDVOGEL, B. C; TAYRA, A; GUIBU, I, A. **Dados para repensar a Aids no Estado de São Paulo: resultados da parceria entre Programa Estadual DST/Aids e Fundação Seade**. São Paulo: DST/Aids; Fundação Seade, 2010. 256p.

Submetido em junho de 2022

Aceito em setembro de 2022